

APAGAMENTO DOS SABERES ANCESTRAIS E AS FORMAS DE RESISTÊNCIA DESSAS PRÁTICAS NO SÉCULO XXI

THE ERASURE OF ANCESTRAL KNOWLEDGE AND 21ST-CENTURY RESISTANCE PRACTICES

EL BORRAMIENTO DE LOS SABERES ANCESTRALES Y LAS FORMAS DE RESISTENCIA EN EL SIGLO XXI

Douglas Costa de Sousa¹

Resumo: Este ensaio tratará da importância de abordarmos questões e ensinamentos dos povos originários do Brasil, ex-Pindorama, com o intuito de divulgar, socializar e gerar conteúdos na rede social do Laboratório de Pesquisa em Ensino de Ciências Sociais/LAPECS, da UFF-Campos sobre o Marco Temporal e em como isso afeta a todos no Brasil e no mundo.

Palavras-chave: Apagamento; Desmatamento; Saberes ancestrais.

Abstract: This essay will address the importance of engaging with the issues and teachings of Brazil's original peoples, formerly of Pindorama. The aim is to disseminate, share, and generate content on the social media channels of the Social Sciences Teaching Research Laboratory (LAPECS) at UFF-Campos concerning the Marco Temporal (Time Frame Thesis) and how it affects everyone in Brazil and the world.

Keywords: Erasure; Deforestation; Ancestral knowledge.

Resumen: Este ensayo tratará de la importancia de abordar las cuestiones y enseñanzas de los pueblos originarios de Brasil, antiguamente Pindorama. El objetivo es divulgar, socializar y generar contenidos en la red social del Laboratorio de Investigación en Enseñanza de Ciencias Sociales (LAPECS) de la UFF-Campos sobre el Marco Temporal y cómo este afecta a todos en Brasil y en el mundo.

Palabras clave: Borramiento; Deforestación; Saberes ancestrales.

INTRODUÇÃO

Para apresentar a tese do Marco Temporal, refazemos o caminho do processo histórico da formação do Brasil enquanto nação, buscamos nos apoiar na bibliografia sobre a feitura da colonização no território indígena ao qual conhecemos hoje como a República Federativa do Brasil, praticando a revisão bibliográfica e da legislação brasileira como método, e também apresentando diferentes cosmovisões e buscando praticarmos esses saberes ancestrais como formas alternativas de vida no mundo. Consideramos a obra da Ordem 3^a dos Franciscanos,

¹ Engenheiro Ambiental e estudante de Ciências Sociais na UFF-Campos dos Goytacazes. Orientado pela Prof^a. Dr^a. Geovana Tabachi.

representados na Igreja de São Francisco de Assis, primeira construção do território Goytacá, realizada por Oswaldo Almeida (2023), para tentar compreender como são contados os primeiros contatos. Nas sete postagens realizadas na rede social Instagram do Laboratório de Pesquisa em Ensino de Ciências Sociais/LAPECS, quisemos propor discussões sobre o processo de colonização e de como Povos originários perderam suas conexões territoriais até a chegada da tese do Marco Temporal proposta pela Lei 14.701/23.

A CHEGADA DOS PORTUGUESES E A FUNDAÇÃO DO BRASIL

Pensamos em contar no primeiro post, sobre como navegadores exploratórios a serviço da coroa portuguesa, navegaram pelo Oceano Atlântico e atracaram nas praias de Porto Seguro, na Bahia. Lá, encontraram com o povo Tupinambá que vivia ali. Baseados na teoria do cunhadismo desenvolvida por Darcy Ribeiro (1995), sugerimos um início de contato com relações amistosas. Com o passar do tempo, de relações comerciais visando o pau-brasil e, diante da ganância portuguesa, a coroa determina, com as bençãos da igreja, que tomem o território a fim de explorar as riquezas encontradas e, diante das terras férteis encontradas aqui, subdividiu o território indígena em capitania hereditárias.

Com isso posto, considerando a História Pouco conhecida da Freguesia de São Salvador dos Campos dos Goytacazes (ALMEIDA, 2022), e imaginando que este processo tenha se repetido nas missões espalhadas pelo território dominado pela coroa, os indígenas desterritorializados na base da guerra, das pragas e do apaziguamento católico, sofre genocídio corporal, de suas crenças e culturas originárias – o que Boaventura de Sousa Santos (2013) chamou de epistemicídio – e de seus modos de vida tradicionais de plantio, pesca, caça e em contato preservatório com a Mata Atlântica.

Preservatório pode soar meio predatório e este é o intuito do uso desta palavra. Povos indígenas vivem do sustento da floresta e suas vivências se dão de acordo com este contato, humano-natureza. Os brancos, predadores, veem este espaço como recurso de acumulação e fonte de riqueza. Os indígenas, preservadores, interagem neste espaço como parte integrada de um sistema de vida florestal.

Estas relações que deram origem à expulsão indígena, tornaram vago seu território, permitindo a fundação das vilas, ocasionando, em sua evolução, nas cidades.

Figura 1 - Capa do 1º post na página do LAPECS no Instagram.



Fonte: Laboratório de Pesquisa em Ensino de Ciências Sociais/UFF - <https://tinyurl.com/4uxpj5yw>.

A EXPANSÃO DAS CIDADES E A PARTICIPAÇÃO INDÍGENA NA FORMAÇÃO SOCIAL DO BRASIL

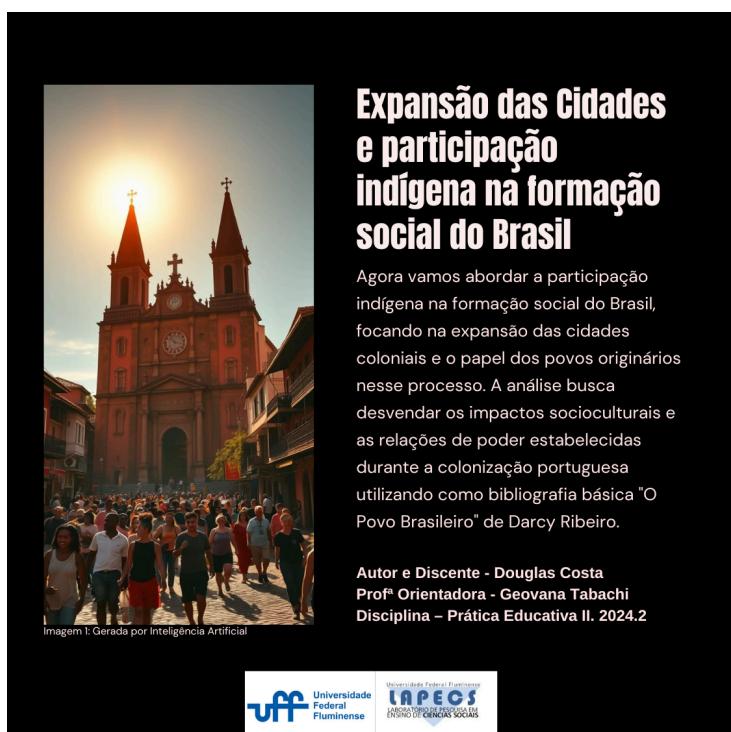
Com as cidades criadas, indígenas expulsos e/ou apaziguados, ou seja, “civilizados”, aprendem a nova forma de vida apresentada pela Igreja Católica, tendo sua força vital dedicada ao trabalho braçal responsável pela construção da expansão das cidades. Os Povos originários de Pindorama foram os primeiros escravizados, conforme nos mostra o trabalho de Bessa Freire & Malheiros (2010) sobre os aldeamentos no Rio de Janeiro ou, como a coroa portuguesa tratava como “Novo Mundo”, sendo superados, em números, por pessoas negras escravizadas, no 2º Século do processo colonial.

Como nos mostra Darcy Ribeiro (2022), a expansão do projeto colonial no Brasil foi um “moinho de gastar gente”, tendo os portugueses o domínio total sobre a população nativa que restou nesse empreendimento de violências inumeráveis, baseado em demografia hipotética, Darcy sinaliza que aproximadamente 5 milhões de indígenas foram mortos no Brasil, mas não foram todos.

As mulheres europeias não vinham nos navios. Mulheres brancas não pariram essa nação. O pai, violento e desgostoso de sua cria cabocla bastarda, ensinava os filhos a buscarem ser sua "imagem e semelhança", a mãe indígena, estuprada e silenciada, viam seus filhos crescerem longe delas, sob as ordens do pai. Já o filho caboclo, queria ser como o pai branco europeu, ao mesmo tempo em que rejeitava a herança indígena da mãe violentada (RIBEIRO, 2022).

Este processo, conforme Darcy nos mostra n'*O Povo Brasileiro* (2022) causa o efeito da perda da identidade indígena nativa, quando, incutida na mente do caboclo desindianizado, faz com que não haja sequer a vontade de viver como seus ancestrais, na terra, da terra e pela terra.

Figura 2 - Capa do 2º post na página do LAPECS no Instagram.



Fonte: Laboratório de Pesquisa em Ensino de Ciências Sociais/UFF - <https://tinyurl.com/5h7z2kce>.

COLONIZAÇÃO NO BRASIL-REPÚBLICA

Com o fim do processo de domínio do império português sobre o território brasileiro, simultaneamente ao fim das relações de trabalho baseadas na escravização de pessoas, negros conquistaram a liberdade – também a custo de muito sangue e suor –, indígenas desindianizados já não eram escravizados, com suas histórias soterradas nas cidades, a

República Federativa do Brasil segue o processo de expansão territorial nas regiões de matas do Pantanal e da Amazônia, fazendo surgir movimentos de defesa de povos indígenas e segundo Martins (1981), por meio do trabalho dos irmãos Villas-Boas, o movimento ganhou notoriedade.

A criação do Parque Nacional do Xingu, como uma área de proteção permanente aos povos da floresta, o Brasil começa, no âmbito estatal, a reconhecer direitos a esses povos, historicamente impedidos de viver autonomamente, que fossem reconhecidos em seus valores, modos de vida e práticas ancestrais.

A colonização do século 20, renovada e de cara nova, se apresentou aos indígenas como formas de educação escolar, progresso industrial e como meio de participação da vida capitalista, seduzindo subjetivamente à vida nas cidades, fazendo com que a desterritorialização, à época, fosse voluntária.

Figura 3 - Capa do 3º post na página do LAPECS no Instagram.



Fonte: Laboratório de Pesquisa em Ensino de Ciências Sociais/UFF - <https://tinyurl.com/2s4e2e3e>.

CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988 E O MARCO TEMPORAL

O Marco Temporal é uma discussão recente que acontece no Supremo Tribunal

Federal onde a corte julga o direito às terras de Povos originários. Mas o que há de perigoso nisso? O texto a ser julgado, orienta o Estado brasileiro a reconhecer direitos ao território indígena, apenas aos Povos que ocupavam seus territórios no ato da promulgação da Constituição Cidadã de 1988, carta magna da legislação redemocratizada do Estado brasileiro.

O que isso significa? Significa que os povos nativos, desterritorializados desde 1500 até 1988, não possuirão mais o direito constitucionalmente garantido de reaver seus territórios tomados pela invasão dos portugueses. Além disso, inibe que indígenas nascidos em contexto urbano, afastado de suas raízes ancestrais e da relação com a terra, retome seu lugar de busca ancestral, ou seja, impede legalmente o surgimento de novos movimentos por territórios de preservação nativa.

Figura 4 - Capa do 4º post na página do LAPECS no Instagram.



Fonte: Laboratório de Pesquisa em Ensino de Ciências Sociais/UFF - <https://tinyurl.com/5fasdha8>.

COMO ISSO NOS AFETA?

Com a expansão da monocultura, podemos ver, ainda em 2025, agricultores irresponsáveis desmatando áreas preservadas há milênios para plantar soja, cana-de-açúcar, milho, etc., além de desmatar para o surgimento de grandes áreas de pasto para a produção de carne bovina. É isto o que queremos para um dos últimos polos de preservação da vida natural no nosso planeta?

O Brasil tem o poder ancestral de reivindicar novas formas do mundo tratar nossas florestas e, além disso, temos a chance de reavivar áreas florestais no território nacional. O imortal Ailton Krenak (2022)² traz à tona a discussão sobre a florestania, como contraponto à cidadania. Tendo o cidadão, incutido em sua essência, a sabedoria de viver a vida na cidade, ter seus direitos reconhecidos e deveres estabelecidos para a atividade cidadã.

Florestania vem neste mesmo sentido, mas tendo a vida e o cotidiano praticado nas florestas e, além disso, é um conceito de inclusão das florestas às cidades "desflorestadas". Áreas verdes são vistas como chave para a diminuição das temperaturas nas cidades e, consequentemente, vetores de uma melhor qualidade de vida.

Figura 5 - Capa do 5º post na página do LAPECS no Instagram.

Florestania: Uma Nova Visão para adiar o fim do mundo

O futuro ambiental do Brasil e do Mundo está em nossas mãos. As escolhas que fazemos hoje moldarão o destino de nossas florestas e de toda a vida que elas abrigam.

**Autor e Discente - Douglas Costa
Profª Orientadora - Geovana Tabachin
Disciplina - Prática Educativa II. 2024.2**

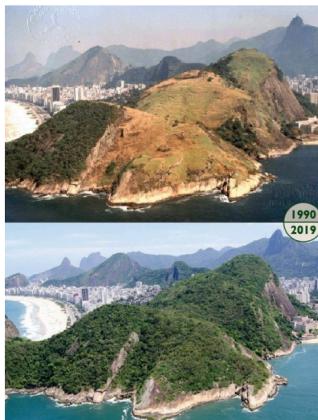


Imagen 1: Reflorestamento do Morro da Urca, Rio de Janeiro: Imagem da Internet.

ESTAMOS PENSANDO NO AMANHÃ?

O Yanomami, Davi Kopenawa (2019) nos alerta sobre o processo de “Queda do céu”, onde, por meio do capitalismo selvagem que transforma tudo o que toca em mercadoria, os

² Ailton Krenak assumiu a cadeira nº 5 na Academia Brasileira de Letras (ABL), tomando posse no dia 5 de abril de 2024. Se tornando um imortal da ABL.

recursos que a terra dá para a produção do olho grande do capitalismo, se acabe e a mãe-terra se revolte, demonstre sua fúria e nos expulse dela.

Em suas *Ideias para adiar o fim do mundo*, Ailton Krenak (2019) nos diz que o capitalismo trabalha sobre a lógica da acumulação do dinheiro, não importa como essa acumulação se dá, diz também que vivemos o antropoceno como o período da vida na Terra onde a atividade humana inicia o processo de sua destruição. A lógica em que operam, visa a vida em Marte depois que a Terra não aguentar mais os humanos. Para os capitalistas, é mais fácil lucrar com a destruição do planeta e ir para outro, do que acabar com essa forma cruel de se relacionar com a mãe de todos nós.

Povos Indígenas dominam a preservação ambiental e a ciência comprova que Pindorama era tão exuberante em natureza justamente pela ação de povos milenares que viviam nelas (MELO, 2025). Para o futuro ancestral, é preciso que voltemos a conhecer e praticar a florestania, capaz de nos direcionar no sentido da reconstrução das florestas e uma transição de reflorestamento das cidades, diminuindo suas temperaturas. O que acha de trocar postes da rede elétrica por árvores em seu bairro? Por que motivo os bairros “nobres” são mais arborizados que os periféricos?

Figura 6 - Capa do 6º post na página do LAPECS no Instagram.



Fonte: Laboratório de Pesquisa em Ensino de Ciências Sociais/UFF - <https://tinyurl.com/mry6ct5p>.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste ensaio, trabalhamos visando a proposta de rever nossas ações humanas diante da urgência para que os povos das cidades reconheçam seu papel na construção de um novo amanhã, uma nova forma antiga de lidar com quem nos dá a vida e condições – cada dia piores, ocasionadas pela ação humana nas cidades e no campo – de viver, a mãe-terra.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Oswaldo. **A história pouco conhecida da Freguesia de São Salvador dos Campos dos Goytacazes**. 3^a ed. Campos dos Goytacazes: Grafbel, 2023.

BRASIL. **Lei 14.701 de 20 de outubro de 2023**. Regulamenta o art. 231 da Constituição Federal, para dispor sobre o reconhecimento, a demarcação, o uso e a gestão de terras indígenas; e altera as Leis nºs 11.460, de 21 de março de 2007, 4.132, de 10 de setembro de 1962, e 6.001, de 19 de dezembro de 1973. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=14701&ano=2023&ato=854Mzaq50MZpWT30d#:~:text=Regulamenta%20o%20art.,19%20de%20dezembro%20de%201973> 3 . Acesso em 8 de janeiro de 2025.

Cientistas Indígenas. 'Indigenizando' a ciência pela floresta em pé. Liana Melo para o Projeto Colabora. Acesso em 15 de janeiro de 2025.

ELIAS, Denise. **Milton Santos**: a construção da geografia cidadã. Geosul, Florianópolis, v.18, n.35, p.131-148, jan/jun. 2003.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. 2^a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. 1^a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

_____. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1^a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MARTINS, Edilson. **Nossos índios, nossos mortos**. 3^a ed. Rio de Janeiro: Codecri, 1981.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. 4^a ed. São Paulo: Global Editora, 2022.

SANTOS, Antônio Bispo. **Colonização, quilombos**: modos e significações. 2^a ed. Brasília: Ayô, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice**. 9^a ed. Coimbra: Almedina, 2013.